

## A Nova Sociologia Econômica em pesquisas de Administração no Brasil

### *The New Economic Sociology in the Brazilian Administration Research*

**Gustavo Herkenhoff Moreira\*, Marisol Rodriguez Goia**

Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

#### RESUMO

O objetivo deste artigo é estudar o ambiente de pesquisa que vem utilizando a Nova Sociologia Econômica para a produção científica de Administração no Brasil. Partindo dos benefícios da interdisciplinaridade, discute-se a importância da Sociologia para a Administração por meio dos aportes da Nova Sociologia Econômica, um campo voltado para a análise sociológica dos mercados. Realiza-se um levantamento sistemático e uma avaliação da produção científica que recorre à Nova Sociologia Econômica publicada em periódicos de referência na Administração de 2006 a 2015, assim como nos anais do Anpad, para mensurar e avaliar como a disciplina está permeando as discussões de gestão no Brasil. Como resultado, obtém-se uma visão dos principais veículos de difusão da pesquisa que se utiliza desta temática, além de oferecer uma visão mais clara do ambiente institucional e dos pesquisadores que se utilizam do tema. Foi observado um crescimento no interesse pelo uso de seus conceitos. Houve substancial elevação no volume (ajustado) de publicações, de pesquisadores ativos no tema, no número de periódicos, de instituições de ensino superior abrigando pesquisadores ativos e, na média de autores por trabalho, mostrando uma melhora na permeabilidade destes conceitos no ambiente acadêmico de Administração. No entanto, poucas universidades foram ativas simultaneamente nos dois quinquênios avaliados e foram observados elementos que sugerem a baixa institucionalização do tema.

**PALAVRAS-CHAVE:** Nova Sociologia Econômica; Sociologia Econômica; Produção Científica; Interdisciplinaridade; Sociologia.

#### ABSTRACT

*The objective of this paper is to study the environment and the papers that have been using the New Economic Sociology in the management scientific production in Brazil. Starting with the benefits of interdisciplinary studies, the importance of Sociology to Administration is discussed through the contributions of the New Economic Sociology, a field focused on the sociological analysis of the markets. A systematic survey and an evaluation of the scientific production that used the New Economic Sociology and that was published in Administration reference periodicals from 2006 to 2015, was carried out to measure and evaluate how the discipline is permeating Brazilian management research. As a result, this paper provides a view of the main vehicles of research that published the theme, besides offering a clear vision of the institutional environment and the researchers that use it. It was observed a growing interest in its these concepts. There was substantial increase in the volume of publications, active researchers, journals, in the number institutions housing active researchers and, in the average number of authors per work, showing an improvement in the permeability of these concepts in the Administration academic environment. However, few universities were active simultaneously in the two evaluated quinquennia and, the observations suggested a low institutionalization of the subject.*

**KEYWORDS:** *New Economic Sociology; Economic Sociology; Scientific Production; Interdisciplinary Studies; Sociology.*

Submissão: 11 dezembro 2017  
Aprovação: 27 dezembro 2017

#### \*Gustavo Herkenhoff Moreira

Mestrado em Gestão Empresarial pela Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas da Fundação Getúlio Vargas (EBAPE/FGV-RJ).

Professor de Finanças do IBMEC.

Endereço: Rua Jornalista Orlando Dantas, 30, 22231-010, Botafogo, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

E-mail: gusherkmoreira@gmail.com

#### Marisol Rodriguez Goia

Doutora em Antropologia Urbana (Universitat Rovira i Virgili, Espanha). Professora do Mestrado Profissional em Gestão Empresarial da Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas da Fundação Getúlio Vargas (EBAPE/FGV-RJ).

E-mail: marisol.goia@gmail.com

## 1 INTRODUÇÃO

A incapacidade do conhecimento monodisciplinar em resolver problemas contemporâneos é frequentemente mencionada em ambientes acadêmicos diversos. Espera-se que a interdisciplinaridade ofereça soluções mais abrangentes porque a integração de conhecimentos resolve problemas que disciplinas individuais são incapazes de solucionar sozinhas (Frodeman & Mitcham, 2007; Klein, 1990, 1996).

Desafiar o modo disciplinar da elaboração e avaliação de conhecimento não significa rejeitar rigor ou abandonar padrões, mas, sim, ampliar o contexto intelectual em que eles são definidos (Huutoniemi, 2012). A finalidade da pesquisa interdisciplinar é, precisamente, avançar na compreensão fundamental para resolver problemas cujas soluções estão além do escopo de um único campo de pesquisa (Porter & Rafols, 2009).

Um crescente número de pesquisadores vem trabalhando com o objetivo de desconstruir o conhecimento disciplinar e suas fronteiras (Lattuca, 2001). Tem-se assistido à proliferação de programas interdisciplinares de financiamento, institutos e incentivos voltados a esta abordagem, representando a materialização de uma tendência contrária à especialização da ciência e uma migração para um novo eixo (Cunningham, 1997; National Academy of Sciences, 2005), um fenômeno que já vem acontecendo nas Ciências Sociais (Abramovay, 2004).

A Administração, que já é um campo das Ciências Sociais Aplicadas extremamente complexo em termos de fronteiras epistemológicas, interage de forma interdisciplinar com outras ciências desde a sua constituição (Santana & Gomes, 2007). O conhecimento de outras disciplinas é essencial para obter respostas imediatas a situações de alta complexidade. Isto porque, para entender a realidade sistêmica, o trabalho do pesquisador em Administração torna-se vez mais complexo e interdisciplinar (Vasconcelos, 2012; Cezarino & Corrêa, 2015).

Os estudos sobre organizações e gestão são uma confluência poliparadigmática e multirreferencial para a qual contribuem as disciplinas de Sociologia, Ciência Política, Antropologia, Psicologia, História, Economia e Engenharia (Fischer, 2001). Neste contexto, pesquisadores das organizações se beneficiam de uma maior familiaridade com a pesquisa dos cientistas sociais (Bruun, Langlais, & Janasik, 2005).

Observa-se que a Sociologia realiza contribuições fundamentais para a Administração (Vasconcelos & Cyrino, 2000; Vasconcelos, 2012) pois, além de iluminar importantes aspectos, permite entender e melhorar o desempenho organizacional (Barney, Wright, & Ketchen, 2001), assim, seus aportes vêm adquirindo cada vez mais destaque.

Uma evidência desse reconhecimento é a edição especial dos *Cadernos Ebape* de 2015 (Cavalcanti, 2015) em comemoração ao centenário do sociólogo brasileiro Guerreiro Ramos. A homenagem se justifica no periódico pela interlocução, defesa e viabilidade de profundas contribuições da Sociologia para a Administração e em vista dos sólidos fundamentos proporcionados pela Sociologia para a análise de mercado (Smelser & Swedberg, 2010), uma vez que a interdisciplinaridade é um dos recursos essenciais para compreensão mais ampla das questões que afetam a vida social (Serva, 2002).

Por sua vez, trabalhos de levantamento científico vêm contribuindo para a Administração brasileira há muitos anos, tendo seu marco inicial o trabalho pioneiro de Machado-da-Silva, Cunha e Amboni (1990), Caldas (2003) e o maior símbolo de seu reconhecimento foi concretizado no Fórum de Produção Científica Brasileira em Administração organizado pela *Revista de Administração de Empresas* em 2013 (Bertero, Vasconcelos, Binder, & Wood, 2013).

Reconhecendo, simultaneamente, os argumentos que sublinham os benefícios do diálogo interdisciplinar, a importância da Sociologia para a Administração e as contribuições da análise da produção científica, este artigo estuda a inserção de um ramo da Sociologia, voltado para o estudo dos mercados – a Nova Sociologia Econômica – na produção científica brasileira em Administração.

Trata-se de uma abordagem relevante. A Nova Sociologia Econômica vem mostrando o que um real esforço interdisciplinar proporciona para o desenvolvimento do conhecimento científico. Ao

reunir cientistas de diversos campos, a disciplina dá provas de maturidade na produção do conhecimento pela autocrítica dos pesquisadores ao reconhecerem limitações de seu campo, além da criação de quadros de análise mais amplos e rigorosos (Serva, 2002).

O interesse na Sociologia Econômica cresce rapidamente nos Estados Unidos e na Europa, e essa disciplina pode se tornar um dos competidores-chave do século XXI para a análise de fenômenos econômicos, concorrendo com a Economia Neoclássica, Teoria de Jogos e Economia Comportamental (Swedberg, 2007). Ao propor uma ideia simples, mas de grande impacto, sociólogos tiveram grande influência no estudo do funcionamento dos mercados (Lazzarini, 2011). Ela aparece como uma das mais promissoras reações da Sociologia à investida do “imperialismo disciplinar” econômico (Lopes, 2002).

No Brasil, a (Nova) Sociologia Econômica se constitui em uma área com organização recente. Seus principais marcos de iniciação foram cravados entre os anos de 2002 e 2007: (i) a edição especial da revista *Sociedade e Estado* com a primeira coletânea de trabalhos deste campo publicada no Brasil, em 2002, (ii) o 1º Seminário sobre Sociologia Econômica na UFSC em 2003, (iii) a criação, em 2004, do primeiro Grupo de Trabalho<sup>i</sup> em Sociologia Econômica na Anpad, (iv) a reunião dos principais sociólogos brasileiros em número especialmente dedicado à temática na revista *Tempo Social*, no mesmo ano, (v) a apresentação de trabalhos sobre a “análise sociológica dos fenômenos econômicos” no Encontro Anual da Anpocs nos anos de 2004 e 2005, (vi) o I Congresso de Sociologia Econômica e das Finanças (UFSCar) em 2006, além do (vii) Fórum de Sociologia Econômica (2007), organizado pela RAE visando à divulgação do tema (Martes, Loureiro, Abramovay, Serva, & Serafim, 2007; Serva & Andion, 2006).

Neste contexto, no Brasil, os periódicos de gestão – com destaque para a *Revista de Administração de Empresas* – assumem um papel importante para a consolidação da Nova Sociologia Econômica, tanto pela publicação de trabalhos de referência, traduzidos para o português<sup>ii</sup>, quanto pela organização de dossiês temáticos de Sociologia Econômica<sup>iii</sup>.

O objetivo deste estudo é identificar o contexto da pesquisa que se utiliza da Nova Sociologia Econômica para resolver problemas de Administração no Brasil. Mensura-se a presença dessa disciplina nos principais veículos de gestão brasileiros, verificando sua tendência de crescimento, a melhoria na quantidade e na qualidade da colaboração autoral, o incremento da interdisciplinaridade na formação dos pesquisadores do ambiente de gestão, as Instituições de Ensino e suas geografias mais ativas, além da dinâmica de formação e atração de pesquisadores.

Em síntese, procura-se mapear e avaliar a inserção da Nova Sociologia Econômica nos principais periódicos brasileiros de gestão, levantar informações do perfil institucional e acadêmico de pesquisa.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

O mito de que todas as decisões são conscientes e semiconscientes alimenta a concepção economicamente neoclássica, que enxerga os indivíduos como previsíveis, capazes de tomar decisões racionais, otimizadores e com preferências imutáveis. Supõe-se que todo o comportamento humano poderia ser compreendido ao se perguntar às pessoas o que elas pensam e sentem (Madsbjerg & Rasmussen, 2014; Dobbin, 2007).

Com base na insatisfação dos modelos de comportamento dos economistas que negligenciam fatores sociais, sociólogos procuraram novas ferramentas e, um dos mais importantes avanços das Ciências Sociais nas últimas décadas, é fruto do esforço para preencher o vazio criado pela visão econômica dominante (Swedberg, 2004). Buscaram-se conceitos da Sociologia que melhor explicassem o comportamento humano como a imersão social, as redes, as motivações que variam e os mercados socialmente construídos (Carruthers, 2005; Dobbin, 2007; Granovetter, 1992; Guillén, Collins, England, & Meyer, 2002; Hirsch, Michaels, & Friedman 1990; Smelser & Swedberg, 2005; Swedberg, Himmelstrand, & Brulin, 1990).

Neste contexto, a Sociologia Econômica tem sido apontada como um dos campos de estudo mais promissores das Ciências Humanas. O cerne da argumentação é que os fenômenos econômicos,

vistos muitas vezes como uma esfera absolutamente autônoma são eminentemente sociais. As ações econômicas não acompanhariam, de maneira cega e uniforme, os caminhos concisos e diretos da racionalização. O próprio mercado não deve ser encarado somente como um mecanismo de formação de preços, passível de ser compreendido por meio da aplicação de atributos universais e objetivos.

A Sociologia Econômica mostra que a “mão” do mercado é bem visível e se materializa nas instituições culturais e jurídicas sob as quais as trocas mercantis se baseiam. Não existiria, portanto, uma racionalidade econômica absoluta e abstrata, mas sim “limitada pelo contexto” – influenciada por crenças partilhadas e normas que surgem das relações sociais como um todo (Palma & Truzzi, 2012).

À luz destas observações, até os economistas mais ortodoxos vêm relaxando as hipóteses de que as trocas ocorrem em mercados impessoais e atomizados (Lazzarini, 2011). A Sociologia Econômica vem para romper com o isolamento do *homo economicus* da economia convencional para focar profundamente o impacto do papel das relações e instituições sociais nas ações econômicas de todos os agentes, individualmente e no agregado (Krippner & Alvarez, 2007; Swedberg, 2007).

A Nova Sociologia Econômica se apoia nos pressupostos de que a ação econômica é uma forma de ação social. Granovetter (1990) retoma o termo *imersão*, cunhado por Polanyi (1944), que expressa a ideia de que as ações econômicas não são autônomas como prega a teoria econômica. Os atores seriam subordinados a objetivos sociais como a sociabilidade, o reconhecimento, o *status*, o poder. Além disso, escora-se no conceito de que a ação econômica é socialmente situada<sup>iv</sup> e não pode ser explicada por motivos individuais isoladamente. Propõe-se que as instituições econômicas (como quaisquer outras) não surgem automaticamente de maneira inevitável – elas seriam socialmente construídas. Ao unir análises sociológicas e econômicas, a disciplina obtém melhor explicação para os fatos socioeconômicos do que a explicação oferecida pelas teorias individualmente (Granovetter, 1985; 1990; 1992; Lévesque, Bourque, & Forgues, 2001; Steiner, 2006; Swedberg, 2007). Ela permite entrar em contato com outra maneira de analisar a atividade econômica. O objetivo específico da disciplina é analisar a construção social das relações de mercado e a origem histórica e social dos fenômenos econômicos. Ela examina como as relações econômicas são inseparáveis do contexto social, estudando os fatos econômicos como fatos sociais. Entre os principais temas estão a construção social do mercado, o papel das instituições e das redes sociais no funcionamento da vida econômica (Steiner, 2006).

O trabalho de Granovetter (1985) marca o surgimento da Nova Sociologia Econômica (Smelser & Swedberg, 2010; Swedberg, 2004; Martes et al., 2007). Nele, o autor destaca a importância da análise das relações sociais nas relações econômicas. Para esclarecer, contrasta as duas visões: a análise da economia por meio da visão subsocializada – quando os atores se comportam racionalmente visando o interesse pessoal, tomando decisões de maneira isolada e independente de suas relações sociais – é confrontada com a versão sociológica – na qual os comportamentos são regulados por normas e valores sociais adquiridos pela socialização, chamada por Wrong (1961) de supersocializada.

Com esse contraste, Granovetter (1985) argumenta que os atores não se comportam nem tomam decisões como átomos fora de um contexto social, nem adotam de forma servil um roteiro escrito em virtude das categorias sociais que eles porventura ocupem. Ambas as visões ignoram a importância das relações sociais que, quando são inseridas na análise, formam uma imagem diferente da economia. Sua principal contribuição é a mudança da crítica aos conceitos irrealistas de racionalidade dos economistas para concentrar-se em sua falha em incorporar a *estrutura social* nas análises. O autor argumenta que a *estrutura social* é relevante, pois a ação econômica é uma ação social. Com isso, rompe e critica abertamente a premissa de que as decisões dos atores econômicos são tomadas de maneira isolada – independentemente de suas conexões sociais – uma premissa fundamental da teoria econômica neoclássica (Zafirovski, 2001; Swedberg, 2004).

Muito do que acontece nos mercados é fruto das relações sociais. Ao explicar sua abordagem, utiliza-se o termo *imersão* para argumentar que as ações econômicas são imersas em sistemas de



relações sociais – inter-relacionando as estruturas sociais e as atividades econômicas. Propõe-se que o núcleo das ideias econômicas deva ser analisado com ajuda da Sociologia, utilizando a teoria de redes, teoria organizacional e da Sociologia Cultural (Swedberg, 2004; Granovetter, 1985). A imersão contribui para a melhor compreensão de aspectos sobre como as redes sociais impactam as relações de confiança, os custos de transação, os relacionamentos de longo prazo e a ocorrência de transações mercantis complexas interfirmas.

Uma das mais importantes preocupações da Nova Sociologia Econômica consiste em estudar os mercados como construções sociais e não como mecanismos de fixação de preços. Os mercados deixam de ser vistos como esfera institucional autônoma da vida social, para serem analisados a partir de sua construção social. Isso envolve uma crítica à economia tradicional, em que mercados são mecanismos neutros de equilíbrio entre indivíduos homogêneos e isolados uns dos outros (Abramovay, 2009).

No Brasil, Serva (2002) e Serva e Andion (2006) destacam a relevância do diálogo interdisciplinar entre a Nova Sociologia Econômica e outras Ciências Sociais, particularmente, com a Administração. Discute-se o objeto da organização como sistema social complexo. Neste palco, as contribuições da Nova Sociologia Econômica à Teoria das Organizações ocorrem em três temas: na competição empresarial, nos grupos empresariais e no empreendedorismo.

Por sua vez, Machado e Nascimento (2012) investigam as contribuições da disciplina para a Administração. Em seu trabalho, os autores realizam um levantamento bibliográfico de artigos que referenciam Granovetter (1985) entre 1985 e 2008. Mostra-se certa defasagem do uso do artigo na literatura científica brasileira, comparado com o resultado em revistas estrangeiras, fenômeno similar ao proposto por Bertero, Vasconcelos, Binder e Wood (2013).

Em seu estudo sobre as relações de propriedade das maiores empresas brasileiras entre 1996 e 2009, Lazzarini (2011) recorre a diversos aspectos da Nova Sociologia Econômica para estudar o que ele denomina “capitalismo de laços” – definido como a relação de atores sociais para fins econômicos, um conceito que é parte da Nova Sociologia Econômica. Em sua abordagem, o pesquisador expõe a importância do estado na economia, por meio do incremento do grau de entrelaçamento produzido pela centralidade de fundos de pensão de empresas estatais e do BNDES, além da maior aglomeração de grupos no Brasil. Neste contexto, são observados elementos deste tema, como a (i) construção de relações recíprocas (estabelecidas para obter benefícios ou gestos de apoio); (ii) alianças e estratégias em torno de interesses políticos e econômicos assentadas em um modelo de relações; (iii) relações de poder e de propriedade; e (iv) a influência no desempenho de empresas ligadas ao Estado.

Compreender em que contexto as pesquisas que se utilizam da Nova Sociologia Econômica se encaixam para esclarecer problemas da Administração no Brasil, é uma preocupação deste estudo.

### 3 METODOLOGIA

Realizou-se um estudo da produção científica que recorre à Nova Sociologia Econômica no Brasil entre 2006 e 2015 para avaliar o ambiente em que estas pesquisas vêm sendo realizadas. Foram utilizadas as plataformas de indexação Spell, SciELO, além de todos os Anais disponíveis no site da Anpad para busca dos trabalhos. Sua inclusão no banco de dados foi pautada em três critérios.

Primeiramente, pela presença (i) dos termos *sociologia econômica*, *nova sociologia econômica* ou *imersão*, no título, no conjunto de palavras-chave ou no resumo. Tal atividade foi complementada pela leitura dos trabalhos para validação de sua pertinência. Em seguida, foram consideradas apenas as (ii) produções científicas publicadas no decênio de 2006 a 2015, visando avaliar as produções divulgadas após os primeiros marcos da inserção do tema na pauta dos pesquisadores locais. O último critério de inclusão foi o enquadramento do periódico de gestão (iii) nas categorias indicativas de qualidade iguais ou superiores à classificação B2 (A1, A2, B1 e B2) do estrato Qualis-Capes 2014 da área de Administração, Ciências Contábeis e Turismo.

Além disso, foram incluídos no levantamento, trabalhos publicados nos Anais dos eventos ligados à Anpad desde que atendessem aos dois primeiros critérios visto que, além da associação desenvolver um consistente trabalho na produção de conhecimento dentro da Administração no Brasil (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração [Anpad], 2016), ela possui relevância acadêmica (Vieira, 2003; Bertero et al., 2013). Trabalhos similares de um mesmo autor (ou grupo de autores), com discussões ou objetos de estudo similares, foram eliminados, mantendo-se apenas o documento de maior relevância, uma vez que se procurou não comprometer (enviesar) a base de dados e a análise com trabalhos “tecnicamente” repetidos. Em seguida, foram coletadas informações profissionais e acadêmicas dos autores e coautores desses trabalhos utilizando-se, prioritariamente, informações contidas nos próprios trabalhos e na plataforma Lattes para analisar o perfil típico do pesquisador que recorre à Nova Sociologia Econômica. Eliminou-se da análise curricular os quatro pesquisadores estrangeiros que tiveram seus artigos traduzidos para publicação no Brasil – Mark Granovetter, Benoîte Lévesque, Neil Fligstein e Marie-France Garcia-Parpet – uma vez que este trabalho visa analisar a autoria acadêmica genuinamente publicada no país.

### 3.1 Métricas de análise

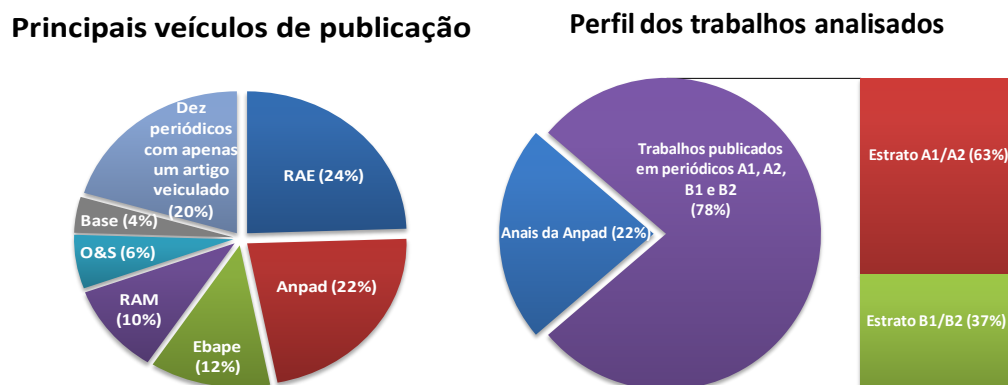
Dados sobre os trabalhos, seu conteúdo, filiação acadêmica e formação profissional dos autores foram analisados sob duas métricas: (a) foram contabilizados os números absolutos de autores, instituições de ensino e outros aspectos mensurados; (b) contribuição proporcional (fração correspondente), ponderando as variáveis pelo número de pesquisadores de cada trabalho.

## 4 RESULTADOS E ANÁLISES

Foram obtidos 49 trabalhos, de 73 autores diferentes, composto por 66% de homens e 34% de mulheres, uma distribuição semelhante à observada em Marketing (Mazzon & Hernandez, 2013) e Governança (Duarte, Cardozo, & Vicente, 2012), vinculados a 48 instituições de ensino superior no momento de sua publicação.

### 4.1 Veículos de difusão de conhecimento

A análise revela que, apesar da relativa diversidade de veículos de publicação (16), há concentração. A *Revista de Administração de Empresas (RAE)* e os Anais da Anpad são os dois ambientes com maior número de trabalhos, combinando quase metade – 23 dos 49 trabalhos. As seis fontes que mais concentram – *RAE*, *Anpad*, *Cadernos EBAPÉ.BR*, *Revista de Administração Mackenzie (RAM)*, *Organizações & Sociedade (O&S)* e *Base* – acolheram quatro quintos das publicações (80%, ou 39 trabalhos). Os demais periódicos foram, individualmente, palco de apenas um trabalho publicado no decênio avaliado (Figura 1).



**Figura 1** - Distribuição dos artigos avaliados

Fonte: Elaboração dos autores.

Observando a classificação das revistas, nota-se uma maior exposição aos periódicos mais bem avaliados. O tema esteve presente 24 vezes nas revistas A1 e A2, contra 14 vezes em periódicos classificados como B1 ou B2 (63% / 37%), sendo o restante (11), veiculados nos Anais da Anpad.

## 4.2 Crescimento do interesse

Apesar da relativa estabilidade na quantidade de pesquisas publicadas entre o primeiro quinquênio (2006-2010) e o segundo (2011-2015), quando foram identificados 25 e 24 trabalhos, respectivamente, uma análise mais profunda sugere uma visão mais construtiva na tendência da produção científica no tema. O resultado do primeiro período foi influenciado positivamente por um evento extraordinário. O Fórum de Sociologia Econômica, promovido pela RAE, em 2007, contribuiu com sete trabalhos que atenderam ao critério desta pesquisa, inflando a contagem do primeiro período.

Excluindo os artigos desta publicação especial, e que potencialmente induziu a geração de pesquisa não espontânea, a tendência é positiva, observa-se um incremento de 33%, dos 18 trabalhos no primeiro quinquênio, para 24 no período seguinte.

A inserção do tema que combina a Administração e a Sociologia nos principais periódicos de gestão brasileiros também vem avançando. O número de artigos em periódicos cresceu 24% (de 17, para 21). Desconsiderando os sete artigos do Fórum de Sociologia Econômica (2007), contabiliza-se uma expansão de 110%. Similarmente, o número de revistas veiculando artigos que acessam a disciplina cresceu 2,5 vezes. Partindo de apenas quatro no primeiro período, para 14 no segundo quinquênio – o tema diversificou sua presença, mostrando avanço na organização e na maturidade no uso dos conceitos.

Outro aspecto positivo observado desta interface é a substancial elevação na quantidade de indivíduos que publicaram no segundo período. O número de pesquisadores ativos (sem dupla contagem) cresceu 31% – de 36, para 47 indivíduos – revelando outra tendência crescente de interesse e que pode resultar em maior número de trabalhos nos próximos anos.

No que tange às razões por trás desta expansão, acredita-se que pode ser explicada pela maior disseminação e interesse no tema, por incentivos institucionais para publicação docente, além da ampliação do número de programas de pós-graduação *stricto sensu* em Administração no país.

## 4.3 Elevação da colaboração autoral

Também se nota uma substancial melhoria na colaboração entre autores. Houve forte redução na produção de conhecimento a partir de artigos monoautorais em periódicos (de 47% dos artigos para 19% do total de cada período) e uma substancial elevação de artigos com três ou mais autores (de 12%, para 33% do total). Tais fenômenos elevaram a média de 1,6 pesquisadores por artigo publicado em periódico, para 2,3 (+39%).

Tal fato pode ser visto como positivo, pois a produção conjunta de artigos científicos contribui para a troca de experiências, supostamente aumentando a qualidade e tornando os trabalhos mais competitivos, uma vez que os autores podem trazer conhecimentos e interesses de pesquisa complementares. Além disso, tende a promover o aumento do número de pesquisadores e de pesquisas no tema.

Cabe notar que a elevação do número de autores que, supostamente, levaria à produção de melhores trabalhos, também pode estar acontecendo pela necessidade de combinar esforços para a produção de artigos mais competitivos e pela pressão pela melhoria da avaliação das instituições de ensino diante das exigências institucionais, como vem sendo observado em áreas da Administração (Bertero, Vasconcelos, & Binder, 2003; Vieira, 2003; Mazzon & Hernandez, 2013).

De certa maneira, desafiando a hipótese de que a proximidade estimularia o surgimento de relações (Gulati & Gargiulo, 1999; Provan, 1993), foi identificada maior ocorrência de trabalhos multiautorais publicados apenas com pesquisadores de diferentes instituições.

Dos 36 trabalhos multiautorais, dois terços (25), foram realizados somente por autores de vínculos profissionais distintos, o que é positivo para a qualidade da pesquisa. O envolvimento de pesquisadores de diferentes instituições permite a conexão de redes com menores sobreposições. Laços fracos (Granovetter, 1973) atuam como pontes, capazes de unir grupos menores da sociedade, conectando uma rede a outra, expandindo e fortalecendo sua malha, permitindo aquisição de novos conhecimentos, além de melhor difundir informações e ideias.

No entanto, apesar do viés positivo das trocas e da complementaridade acadêmica, acredita-se que este fenômeno também possa ser causado pela falta de pesquisadores desta linha de pesquisa em suas instituições de ensino, tornando necessária a busca por complementação externa.

Além do enriquecimento das discussões por pesquisadores de diferentes instituições, cabe destacar a expansão da interdisciplinaridade na formação dos pesquisadores. A frequência de pesquisas com autores de formação complementar expandiu entre os quinquênios. Enquanto apenas um quarto dos primeiros-autores detinham formação simultânea (pelo menos um título) em Administração e Economia no primeiro período, a quantidade de autores *híbridos* liderando pesquisas elevou-se para um terço no segundo quinquênio, permitindo alavancar o conhecimento combinado destas formações acadêmicas.

#### 4.4 Instituições de Ensino mais ativas

Das 48 instituições de ensino que possuíam pesquisadores publicando trabalhos nos dez anos analisados, apenas pouco mais da metade (26) abrigou pelo menos um pesquisador ativo nos primeiros cinco anos. No período seguinte, constatou-se melhoria na diversificação – materializada pelo acréscimo de 15% no número de instituições de ensino com pesquisadores ativos (de 26 para 30), tendência similar à observada em Marketing (Mazzon & Hernandez, 2013) e em Estratégia (Rossoni et al., 2010).

A despeito dessa pulverização, os autores filiados às dez instituições mais prolíficas foram responsáveis por quase metade (49%) da contribuição proporcional dos pesquisadores com vínculo profissional acadêmico, representando um nível de concentração um pouco acima dos 44% observados no ensino de Administração (Lourenço et al., 2014), e similar dos 47% observados em Estratégia (Rossoni et al., 2010) e dos 50% observados em Marketing (Mazzon & Hernandez, 2013). Assim, seu nível de concentração é semelhante ao visto em disciplinas maduras da Administração.

Bertero, Vasconcelos e Binder (2003) explicam que a concentração de autores tem sua contrapartida na concentração das instituições de ensino superior. A existência de altos níveis de concentração é explicada pelo argumento de que a produção científica é centralizada. Os maiores e mais antigos programas contribuem substancialmente para a produção científica. Algumas poucas instituições representariam grande parte da produção científica.

Um dado que chama atenção é o pequeno grupo de instituições com pesquisadores afiliados que publicaram trabalhos simultaneamente nos dois quinquênios. Apenas oito das 48 instituições (17%) abrigaram autores que publicaram nos dois períodos de análise. Colocado da maneira inversa, exceto a UFRGS, PUC-MG, UFMG, UFSJ, USP, PUC-PR, UFPR e UFSCar, todas as outras 40 instituições de ensino superior publicaram em somente um dos quinquênios.

Os pesquisadores vinculados a essas oito instituições de ensino (um sexto do total) contribuíram, proporcionalmente, com um total de 16,9 trabalhos (equivalente a 37% da produção de pesquisadores ligados a instituições de ensino no momento da publicação). Observa-se também que este grupo colheu frutos da continuidade. Sua produção cresceu 42% entre os quinquênios, e se expandiu em 80% após ajustar para o efeito do Fórum de Sociologia Econômica da RAE 2007.

Outro destaque é que as duas instituições mais produtivas no primeiro quinquênio – a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e a Universidade Positivo (UP) – nada contribuíram no período seguinte. Investigando com mais profundidade, foram observadas duas causas. Primeiramente, a maior parte dos pesquisadores vinculados à UP publicou apenas uma vez em todo o período estudado, uma realidade comum na Nova Sociologia Econômica.



Isto é, apenas 18% dos pesquisadores do levantamento publicaram mais de uma vez em periódicos durante a década avaliada. A parcela dos autores de Finanças que publicaram em revistas, no período de dez anos, foi um pouco maior – de 22% (Leal, Almeida, & Bortolon, 2013) e, um pouco abaixo dos 25% resultados observados em Marketing (Mazzon & Hernandez, 2013) –, possivelmente influenciado por critérios de seleção diferentes e por se tratar de uma área ainda em fase de amadurecimento.

A segunda causa merece cautela. Ambas as universidades viram alguns pesquisadores migrarem para outras instituições de ensino superior e, nos esparsos casos em que pesquisadores com duas ou mais publicações (nos dez anos) se deslocaram para outro ambiente acadêmico: (i) a instituição original foi incapaz de continuar a produção científica na disciplina, e (ii) o pesquisador continuou a desenvolver estudos em sua “nova casa”.

Ou seja, após a perda, não há reposição, tampouco surgimento de novos pesquisadores nas instituições originais. O efeito da saída do corpo técnico e a posterior “suspensão” das publicações pode indicar que o motor das pesquisas é o próprio pesquisador. As linhas de pesquisa não fariam parte da estratégia de pesquisa das instituições de ensino superior. A discussão do tema não estaria institucionalizada no ambiente de ensino. Essencialmente, há dependência dos pesquisadores para articular a disciplina. Os atores catalisando a Nova Sociologia Econômica no Brasil seriam os pesquisadores, não os ambientes acadêmicos.

Indiretamente, estes achados reforçam a ideia de que: (i) a atração de talentos possui papel importante na pesquisa do campo (conforme será argumentado a seguir) e pode indicar os ambientes que vêm fomentando a pesquisa no tema, (ii) revigoram a importância de continuar expandindo o número de trabalhos multiautorais (visando expandir a rede de pesquisa e semear mais interessados), (iii) colocam o pesquisador como motor da pesquisa, (iv) sublinham a ideia de que as discussões são catalisadas nas redes de pesquisadores e não nas redes institucionais, (v) sugerem uma fraca institucionalização da pesquisa que se utiliza da Nova Sociologia Econômica, (vi) pode explicar a baixa recorrência de instituições que abrigam pesquisadores ativos nos dois quinquênios, (vii) além do baixo percentual de coautores dentro de uma mesma instituição (a falta de pares e apoio interno força a busca por pesquisadores externos), e (viii) tende a inibir o autor a publicar múltiplos trabalhos.

#### **4.5 Dinâmica de formação e absorção de pesquisadores**

O currículo dos pesquisadores também foi analisado para descobrir as instituições que mais conferiram títulos acadêmicos a autores ativos (doadoras de pesquisadores). Este resultado foi comparado com as instituições que mais abrigaram pesquisadores ativos (receptoras) para avaliar a dinâmica de formação e atração de talentos.

Paradoxalmente, quatro das seis instituições com maior volume de publicação proporcional (UFRGS, PUC-MG, UP e UFSJ) desempenharam um papel coadjuvante na formação de pesquisadores que se utilizam da Nova Sociologia Econômica no Brasil. Elas mais absorveram do que conferiram títulos a pesquisadores ativos no tema, sugerindo que a atração de talentos desempenha um papel relevante na produção de pesquisas que referenciam o tema. Somente a UFRN e a UFMG apresentaram um nível de treinamento e absorção equilibrados.

Por sua vez, a USP foi a instituição que mais conferiu títulos a pesquisadores ativos no tema – totalizando 24 títulos a 16 indivíduos. A área mais ativa na formação destes pesquisadores foi relacionada a Gestão, com 63% destes títulos, seguido pelas Exatas com 21%, pelas Ciências Sociais com 13% e Ciências Ambientais com um título. A Instituição de Ensino permeou a formação de quase um quarto de todos os pesquisadores. No entanto, poucos constituíram vínculo profissional com a mesma, o que pode vir a ser explicado por sua vocação natural e pelos incentivos de avaliação institucional da Capes que evitam a endogenia acadêmica. Seus ex-alunos produziram 4,6 trabalhos equivalentes (neste caso, ponderado pelo número de autores de cada trabalho, e pela quantidade de títulos que a USP conferiu a cada pesquisador) – um resultado 56% acima do segundo colocado, a UFSC – ao passo que seu quadro publicou apenas 1,5 trabalhos equivalentes.

Ela foi uma doadora líquida de pesquisadores, treinando diversos profissionais que migraram para outras universidades.

#### 4.6 Análise das geografias mais ativas

Do ponto de vista geográfico, as instituições de ensino mais ativas estão nas Regiões Sudeste e Sul – contribuindo proporcionalmente com 79% da produção nacional, levemente superior aos 72% observados em Logística Reversa (Castro, Pires, & Costa, 2015), próximo dos 82% de Estratégia (Rossoni et al., 2010) e abaixo dos 92% de Finanças (Leal et al., 2013). É importante destacar a significativa contribuição do Rio Grande do Norte para o campo. Ao somar seus 12% ao eixo Sul/Sudeste, chega-se a 92% da contribuição de autores com vínculos profissionais no Brasil.

### 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após elencar os benefícios da interdisciplinaridade e a tendência contrária à especialização, discutiu-se a relevância e o reconhecimento dos aportes da Sociologia para a Administração, notadamente por meio da Nova Sociologia Econômica. Em seguida, foram discutidas as características das pesquisas que se utilizam da disciplina, utilizando como base os principais fóruns acadêmicos de gestão brasileiros entre 2006 e 2015.

A análise numérica das publicações derivou três tipos de resultados: (i) aqueles que mostraram uma tendência de crescimento e enriquecimento das discussões neste ambiente, (ii) os achados que mostraram que os trabalhos que vêm recorrendo à Nova Sociologia Econômica possuem perfil de publicação semelhante ao de outras disciplinas da Administração e, por fim, (iii) foram identificados alguns aspectos que merecem atenção.

Assim como observado em outros países, diversas observações sugerem um futuro construtivo para o tema avaliado. A presença da disciplina nos principais fóruns de discussão vem crescendo. Verificou-se uma expansão de 33% no volume (ajustado) de trabalhos entre os quinquênios, puxado pela elevação de 110% no número (ajustado) de artigos em periódicos (de 10 para 21) e pelo crescimento de 2,5 vezes no número de revistas que veiculam os artigos do levantamento.

A materialização do crescente interesse também foi observada na elevação do número de autores ativos. O número de indivíduos (sem dupla contagem) expandiu 31%, fato especialmente importante para fomentar sua perenidade e seu crescimento, em vista da baixa institucionalização das pesquisas neste campo e da grande dependência nos indivíduos.

O nível de colaboração autoral floresceu. Houve um acréscimo de 39% no número médio de pesquisadores de cada artigo de periódico (de 1,6 para 2,3) e o percentual de artigos multiautorais elevou-se de 53% para 81% no segundo quinquênio, permitindo maior troca de conhecimento entre o grupo de autores.

Outras características importantes para a aquisição e difusão de conhecimento foram os dois terços de trabalhos realizados somente por pesquisadores de vínculos profissionais distintos e, a expansão do número de pesquisadores-líderes com formação interdisciplinar simultânea em Administração e Sociologia – permitindo alavancar o conhecimento de mais pesquisadores, de diferentes instituições e com formação complementar.

Observou-se também que os trabalhos que recorrem ao campo apresentam perfis similares a outras disciplinas da Administração. Sua distribuição de gêneros, a contribuição da produção acadêmica das dez instituições mais prolíficas e a presença geográfica são algumas das avaliações realizadas que indicaram que o perfil de publicação analisado é similar ao notado em outras disciplinas.

Três observações remanescentes merecem avaliação adicional. Primeiramente, o pequeno número de instituições de ensino que possuíam pesquisadores publicando simultaneamente nos dois quinquênios (apenas oito universidades/17% do total) chamou atenção.

Foi observada também uma situação que aparenta falta de institucionalização na promoção de pesquisas do tema. O incentivo e o motor das pesquisas em Nova Sociologia Econômica parecem

ser os pesquisadores. Não há uma promoção institucional forte. Os departamentos acadêmicos não incentivam e estimulam a pesquisa na área. A produção científica está nas mãos de pesquisadores com aptidão para tal.

Quando a universidade perde seus pesquisadores, parece não haver renovação ou substituição. Ou seja, a produção científica que se utiliza da disciplina cessa na universidade de origem (local de onde o pesquisador saiu). Se, por um lado, isso mostra características de um campo ainda em constituição, oferece um vasto campo para semear sua substancial expansão.

Outro aspecto que chama atenção é que quatro das seis instituições com maior volume de publicações (UFRGS, PUC-MG, UP e UFSJ) desempenharam um papel coadjuvante na formação de pesquisadores. Elas mais absorveram do que conferiram títulos a pesquisadores ativos no tema, sublinhando a importância da atração de talentos na produção de pesquisa. Por sua vez, a USP foi a instituição que mais conferiu títulos a pesquisadores que recorrem ao tema. Entretanto, ela apresentou um baixo nível de retenção. Foram publicados apenas dois trabalhos de pesquisadores vinculados a ela e, no momento da pesquisa, a universidade contava com apenas um pesquisador vinculado (dentro os 69 indivíduos), a despeito de ter formado 16 indivíduos ativos no tema.

Por fim, além de observar crescentes contribuições da Nova Sociologia Econômica no mundo, os achados desta pesquisa mostram que o campo vem desempenhando um importante papel no avanço da gestão no Brasil. Ela vem sendo utilizada para analisar problemas pertinentes e diversos.

Uma série de indicadores sugerem a elevação do interesse em vista de sua capacidade de oferecer melhores respostas para os objetos de pesquisa, além de ilustrar o crescimento da formação interdisciplinar. A análise indica que o futuro guarda um caminho promissor para a disciplina no campo brasileiro de gestão.

## REFERÊNCIAS

- Abramovay, R. (2004). Entre Deus e o diabo: Mercados e interação humana nas Ciências Sociais. *Tempo Social*, 16(2), 35-64, nov., São Paulo. Recuperado de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010320702004000200002&lng=en&nr m=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010320702004000200002&lng=en&nr m=iso)
- Abramovay, R. (2009). Anticapitalismo e inserção social dos mercados. *Tempo social*, 21(1), 65-87, jun., USP, São Paulo.
- Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração. (2016). *Sobre a Anpad – Apresentação*. Recuperado de <http://www.anpad.org.br/~anpad/sobre.php>
- Barney, J., Wright, M., & Ketchen, D. J. (2001). The resource-based view: Ten years after 1991. *Journal of Management*, [S.I.], (27), 625-641.
- Bertero, C. O., Vasconcelos, F. C., & Binder, M. P. (2003). Estratégia empresarial: A produção científica brasileira entre 1991 e 2002. *Revista de Administração de Empresas*, 43(4), 48-63, out./dez., São Paulo.
- Bertero, C. O., Vasconcelos, F. C., Binder, M. P., & Wood, T., Jr. (2013). Produção científica brasileira em Administração na década de 2000. *Revista de Administração de Empresas*, 53(1), 12-20.
- Bruun, H., Langlais, R., & Janasik, N. (2005). Knowledge networking: A conceptual framework and typology. *VEST: Journal for Science and Technology Studies*, 18(3-4), 73-104.
- Caldas, M. P. (2003). Apresentação do Fórum Desenvolvimento de Teoria. *Revista de Administração de Empresas*, 43(3), 65-8, jul.-set., São Paulo.

- Carruthers, B. G. (2005). Historical sociology and the economy: Actors, networks, and context. In J. Adams, E. S. Clemens, & A. S. Orloff. (Eds.). *Remaking Modernity. Politics, history and sociology*. Durham (UK): Duke University Press.
- Castro, E. A. B., Pires, I. P., & Costa, M. A. B. (2015). Levantamento da produção científica nacional em logística reversa: Análise no período de 2005 a 2013. *Desafio Online*, 1(1), 93-108.
- Cavalcanti, B. S. (2015). 100 anos de jornada: A rica trajetória intelectual de Alberto Guerreiro Ramos. *Cadernos EBAPE.BR*, 13(ed. especial), 547-549.
- Cezarino, L. O., & Corrêa, H. L. (2015). Interdisciplinaridade no Ensino em Administração: Visão de Especialistas e Coordenadores de Cursos de Graduação. *Administração: Ensino e Pesquisa*, 16(4), 751-784.
- Cunningham, R. (Ed.). (1997). *Interdisciplinarity and the organization of knowledge in Europe*. A Conference Organized by the Academia European. Cambridge, September 24-26. Luxembourg: Office for Official Publication of the European Communities.
- Dobbin, F. (2007). Economic Sociology. In C. D. Bryant, & D. L. Peck (Org.). *Twenty-first century sociology: A reference handbook*. Thousand Oaks, CA: Sage, 319-31.
- Duarte, E., Cardozo, M. A., & Vicente, E. F. R. (2012). Governança: Uma investigação da produção científica brasileira no período de 2000 a 2009. *Contabilidade, Gestão e Governança*, 15(1), 115-27.
- Fischer, T. M. D. (2001). Difusão do conhecimento sobre organizações e gestão no Brasil: Seis propostas de ensino para o decênio 2000/2010. *Revista de Administração Contemporânea*, 5(ed. especial), 123-39.
- Fligstein, N. (2007). Habilidade social e a teoria dos campos. *Revista de Administração de Empresas*, 47(2), 61-80, abr.-jun.
- Frodeman R., & Mitcham, C. (2007). New directions in interdisciplinary: Broad, deep, and critical. *Bulletin of Science, Technology & Society*, 27(6), 506-14.
- Garcia-Parpet, M. (2007). Dinâmica de mercado e trajetória de produtores frente ao sistema de classificação de vinhos. *Revista de Administração de Empresas*, 47(2), 26-36.
- Granovetter, M. (1973). The strength of weak ties. *American Journal of Sociology*, 78(6), 1360-80, May.
- Granovetter, M. (1985). Economic action and social structure: The problem of embeddedness. *American Journal of Sociology*, 91(3), 481-510, Nov.
- Granovetter, M. (1990). The old and the new economic sociology: A history and an agenda. In R. Friedland, & A. F. Robertson (Orgs.). *Beyond the marketplace: Rethinking economy and society*. New York: Aldine de Gruyter.
- Granovetter, M. (1992). Problems of explanation in economic sociology. In N. Nohria, & R. Eccles (Eds.). *Networks and organizations: Structure, form and action*. Boston, MA: Harvard Business School Press, 25-56.



- Granovetter, M. (2007). Ação econômica e estrutura social: O problema da imersão. *RAE eletrônica*, 6(1), 1-41, jan.-jun.
- Guillén, M. F. Collins, R., England, P. & Meyer, M. (2002). The revival of economic sociology. In M. F. Guillén, R. Collins, P. England, & M. Meyer (Eds.). *The New Economic Sociology. Developments in an Emerging Field*, Russell Sage Foundation, New York.
- Gulati, R., & Gargiulo, M. (1999). Where do interorganizational networks come from? *American Journal of Sociology*, 104(5), 1439-1493, Chicago.
- Hirsch, P., Michaels, S., & Friedman, R. (1990). Clean models versus dirty hands: Why economics is different from sociology. In S. Zukin, & P. Dimaggio (Eds.). *Structures of Capital: The social organization of the economy*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Huutoniemi, K. (2012). *Interdisciplinary accountability in the evaluation of research proposals: Prospects for academic quality control across disciplinary boundaries*. 74 pages. Academic dissertation (Social Research) – Department of Social Research – University of Helsinki, Helsinki (Finland).
- Klein, J. T. (1990). *Interdisciplinary: History, theory and practice*. Detroit: Wayne State University Press.
- Klein, J. T. (1996). *Crossing boundaries: Knowledge, disciplinarity and interdisciplinarity*. Charlottesville, VA: University Press of Virginia.
- Krippner, G. R., & Alvarez, A. S. (2007). Embeddedness and the Intellectual Projects of Economic Sociology. *Annual Review of Sociology*, 33, 219-40.
- Lattuca, L. R. (2001). *Creating interdisciplinarity: Interdisciplinary research and teaching among college and university faculty*. Nashville, TN: Vanderbilt University Press.
- Lazzarini, S. G. (2011). *Capitalismo de laços: Os donos do Brasil e suas conexões*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Leal, R. P. C., Almeida, V. S., & Bortolon, P. M. (2013). Brazilian scientific production in finance in the period 2000-2010. *Revista de Administração de Empresas*, 53(1), 46-55, jan.-fev.
- Lévesque, B. (2007). Contribuição da nova sociologia econômica para repensar a economia no sentido do desenvolvimento sustentável. *Revista de Administração de Empresas*, 47(2), 49-60.
- Lévesque, B., Bourque, G., & Forgues, É. (2001). *La nouvelle sociologie économique*. Paris: Desclée de Brouwer.
- Lopes, E., Jr. (2002). As potencialidades analíticas da nova sociologia econômica. *Sociedade e Estado*, 17(1), 39-62, jun., Brasília. Recuperado de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010269922002000100004&lng=en&nr\\_m=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010269922002000100004&lng=en&nr_m=iso)
- Lourenço, C. D. S., Oliveira, A. L., Silva, I. C., Noronha, N. S., Alves, R. R., & Castro C. C. (2012). Produção científica brasileira sobre ensino de Administração: 1997-2010. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 6(1), 4-22, jan.-mar.

- Machado, D. S., & Nascimento, M. R. do. (2012). A utilização do termo imersão social nas pesquisas em Administração. *Caderno de Administração*, 18(2), 54-61, Maringá.
- Machado-da-Silva, C. L., Cunha, V. C., & Amboni, N. (1990). Organizações: O estado da arte da produção acadêmica no Brasil. In Encontro Anual da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Administração (ENANPAD), 14, *Anais...* Florianópolis: Anpad, p. 11-28.
- Madsbjerg, C., & Rasmussen, M. (2014). *The moment of clarity: Using the human sciences to solve your toughest business problems*. Boston: Harvard Business Review Press.
- Martes, A. C. B., Loureiro, M. R., Abramovay, R., Serva, M., & Serafim, M. C. (2007). *RAE-eletrônica*, 6(1), 4.
- Mazzon, J. A., & Hernandez, J. M. (2013). Produção científica brasileira em Marketing no período 2000-2009. *Revista de Administração de Empresas*, 53(1), 67-80, jan.-fev., São Paulo.
- National Academy of Sciences. (2005). *Facilitating interdisciplinary research*. Washington, DC: National Academies Press.
- Palma, R., & Truzzi, O. M. S. (2012). As articulações entre intimidade e trabalho: A construção social de um mercado de trabalho livre no oeste paulista cafeeiro. *Sociologias*, 14(30), 224-51, ago., Porto Alegre. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-45222012000200008>
- Polanyi, K. (1944). *The great transformation*. Boston: Beacon Hill.
- Porter, A., & Rafols, I. (2009). Is science becoming more interdisciplinary? Measuring and mapping six research fields over time. *Scientometrics*, 81(3), 719-45.
- Provan, K. (1993). Embeddedness, interdependence and opportunism in organizational supplier-buyer networks. *Journal of Management*, 19(4), 841-856, Carolina.
- Rossoni, L. et al. (2010). Cooperação, estratificação e perfil da pesquisa em estratégia no Brasil. *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa*, 9(2), 181-97, jul.-dez.
- Santana, W. G. P., & Gomes, A. F. (2007). Por uma convivência (não tão) harmônica entre paradigmas nos estudos organizacionais. In Encontro Anual da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Administração (ENANPAD), 31, *Anais...* Rio de Janeiro: Anpad.
- Serva, M. A. (2002). Contribuições da sociologia econômica à teoria das organizações. *Sociedade e Estado*, 17(1), 106-22, jan.-jun., Brasília. Recuperado de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010269922002000100007&lng=en&nr m=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010269922002000100007&lng=en&nr m=iso)
- Serva, M. A., & Andion, C. (2006). Teoria das organizações e a nova sociologia econômica: Um diálogo interdisciplinar. *Revista de Administração de Empresas*, 46(2), 10-21, jun., São Paulo.
- Smelser, N. J., & Swedberg, R. (2005). The sociological perspective on the economy, 1994. In N. J. Smelser, & R. Swedberg (Eds.). *The Handbook of Economic Sociology*. Princeton: Princeton University Press.

- Smelser, N. J., & Swedberg, R. (Eds.). (2010). *The handbook of economic sociology*. Princeton: Princeton University Press.
- Steiner, P. (2006). *A Sociologia Econômica*. São Paulo: Atlas.
- Swedberg, R. (2004). What has been accomplished in New Economic Sociology and where is it heading? *European Journal of Sociology*, 45(3), 317-30.
- Swedberg, R. (2007). *Principles of economic sociology*. Princeton: Princeton University Press.
- Swedberg, R., Himmelstrand, U., & Brulin, G. (1990). The paradigm of economic sociology. In S. Zukin, & P. Dimaggio (Eds.) *Structures of Capital. The Social Organization of the economy*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Vasconcelos, F. C. (2012). Estratégias acadêmicas, interdisciplinaridade e os requisitos organizacionais da produção do conhecimento. *Revista de Administração Pública*, 46(6), 1429-1435.
- Vasconcelos, F. C., & Cyrino, A. B. (2000). Vantagem competitiva: Os modelos teóricos atuais e a convergência entre estratégia e teoria organizacional. *Revista de Administração de Empresas*, 40(4), 20-37.
- Vieira, F. G. D. (2003). Narciso sem espelho: A publicação brasileira de marketing. *Revista de Administração de Empresas*, 43(1), 81-90, jan.-mar., São Paulo.
- Wrong, D. (1961). The over socialized conception of man in modern sociology. *American Sociological Review*, 26(2), 183-93, Apr.
- Zafirovski, M. (2001). *Exchange, action, and social structure: Elements of economic sociology*. Westport (Connecticut – USA): Greenwood Publishing Group.

---

<sup>i</sup> A criação de grupos de pesquisa é especialmente importante para a promoção de pesquisas, refletindo na elevação da colaboração e na melhoria da qualidade dos trabalhos (Bertero, Vasconcelos, & Binder, 2003).

<sup>ii</sup> Mark Granovetter (Granovetter, 2007); Benoît Lévesque (Lévesque, 2007); Marie-France Garcia-Parpet (Garcia-Parpet, 2007); Neil Fligstein (Fligstein, 2007).

<sup>iii</sup> Fórum de Sociologia Econômica da RAE (2007).

<sup>iv</sup> Significa que as ações econômicas (assim como todas as ações) dos indivíduos não são realizadas de maneira autônoma, mas são imersas em sistemas contínuos de relações ou redes sociais, portanto, eles não agem de maneira atomizada.